Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

O jornalismo amador enquanto objeto de estudo: parajornalismo de fãs e torcedores[1]
Amateur journalism as an object of study: fan and supporter parajournalism

Edu Fernandes Lima Jacques Filho[2]

Palavras-chave: Midiatização; Jornalismo; Fandom; Futebol.

1. Introdução

Este trabalho toma como ponto de articulação os indícios deixados pelos públicos nas suas formas de recepção. Assumindo como premissa a potência das práticas criativas do público, parecemos ainda incapazes de projetar um jornalismo compatível com seus novos desafios epistemológicos. Argumento que isso passa pela compreensão das iniciativas amadoras dos receptores em nome de um jornalismo de fãs e torcedores ou *para-jornalismo*. Não se trata, é claro, da proposta de transposição do tipo de apuração, da temática e de formas de divulgação empregadas por tais fãs para os ditos jornalistas profissionais. A pesquisa, em estágio inicial, propõe refletir sobre tais exemplos para projetarmos um jornalismo possível, mais afinado na relação com o público.

A pesquisa em curso, de caráter exploratório, busca construir um objeto para analisar a criação do público que simula produções jornalísticas. É dizer, como essa categoria específica de consumidores, seja fã ou torcedor, produz conteúdo de caráter informacional. O resumo formula o questionamento: quais interpretações iniciais podem ser elaboradas com base nesse jornalismo intuído pelo público? Como objetivo adjacente,

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

[2] Doutor em Comunicação pela Unisinos. Pós-doutor em Design pela Unisinos. Professor na UFMT e Unemat.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

pretende-se realizar uma tentativa de conexão entre os estudos sobre fãs de cultura pop e torcedores de futebol, atualmente apartados. Assim, a aproximação ocorre entre os estudos acerca de fãs e fandom — que possuem certa tradição, pelo menos desde os anos 1990 globalmente (Jenkins, 2012) — e sobre torcedores — que no país mobilizou pesquisadores a partir dos anos 1990 (Vimieiro, 2023). O trabalho situa-se num esforço mais amplo, a respeito das epistemologias do público em estudos de comunicação na era digital.

2. Relações entre público e jornalismo

O jornalismo possui tradição em práticas relacionais com o público. Refiro-me aqui a modalidades de escuta de seus interesses. Isso não surpreende, dada a predisposição da área a assumir o papel de defesa da democracia e, por associação, dos leitores. Nos anos 1990, o jornalismo cívico procurava uma forma de atuação mais próxima das comunidades de origem (Traquina; Mesquita, 2003). A corrente teve origem nos EUA e precede a organização digital que abordarei aqui. Ainda, essa tradição de diálogo com os receptores se faz presente no histórico de comunicação comunitária no Brasil (Peruzzo, 2009). Necessário evitar, portanto, uma perspectiva exclusiva das tecnologias digitais como propulsoras de uma inovação interacional no jornalismo. Expressões anteriores, como *open source journalism* (Quadros, 2005), já sinalizaram uma interlocução experimental, mas com impactos limitados.

Sobre a cobertura cultural, as investidas do jornalismo sobre interesses específicos estão consolidadas e apresentam formatos variáveis. No Brasil, é possível mencionar a especialização que o jornalismo de futebol promoveu, desenvolvida após anos de experiências com periódicos e de trabalhos dedicados a sua análise. O Jornal dos Sports (1931) é um indicativo do momento em que ocorrem avanços na formação de um público e da importância dos esportes no país. A internet amplia o segmento a novos atores, inclusive aqueles que lançam suas iniciativas numa fronteira indefinida entre jornalismo e culto. Na década de 2020 o Instagram se tornou a plataforma de destaque para

disseminação do conteúdo de torcidas no Brasil. Isso se segue à organização de torcedores em plataformas como o Facebook. A partir da década de 2010 a rede passou a concentrar conteúdo de torcidas (especialmente antifascistas) no país (Ronchete, 2021; Lopes, 2026).

Por outro lado, em torno da cultura de fãs, o Brasil passou a dedicar atenção ao tópico no início dos anos 2000 (Costa, 2018). Carecemos de um trabalho historiográfico sobre essas práticas, possivelmente pela dificuldade de arquivamento dos materiais. Ainda assim, numa proximidade com atividades jornalísticas, fãs têm longa trajetória na criação de fanzines (Watson, 2025). Recentemente, observa-se o aumento no volume de publicações relacionadas ao fenômeno do K-pop. Nos meios generalistas, como Folha de S. Paulo e CNN, há intensificação nas publicações, mas as práticas amadoras configuram-se principalmente no Instagram, assim como o parajornalismo dos torcedores de futebol.

Embora à primeira vista sejam expressões isoladas, o público esportivo e de K-pop no país responde à intensificação dos fluxos de circulação. A noção de fãs tem sido usada (Jenkins, 2012) para abordar aproximações sobre essa criação derivada. As atividades empregam recursos inspirados no jornalismo, de modo que os limites entre esfera profissional e de fãs parecem se enfraquecer. Neste trabalho, não realizo julgamento a respeito da ideia de ‘amador’ (Flichy, 2014).

Vimieiro (2023) nota uma discrepância da pesquisa sobre fãs e torcedores. Enquanto os estudos sobre fãs, usualmente a respeito da cultura pop, reconheceram a capacidade criativa dos públicos, a referência nos estudos sobre futebol permanece sob uma abordagem de resistências contra-hegemônicas. Nesta pesquisa o intuito é explorar as capacidades produtivas desses grupos. Em vista dessas atividades, o próprio jornalismo tem estimulado criações de fãs e torcedores. Entretanto, a área permanece desconfiada de sua própria fragmentação e tende a limitar qualitativamente a cooperação (Wahl-Jorgensen, 2015).

3. As midiatizações e o digital

Essas novas relações, que resultam em mutações nos regimes epistemológicos do jornalismo, nos seus limites e em suas formas de financiamento, remetem à teoria sobre a midiatização.

Para Braga (2018) a midiatização apresenta cinco articulações possíveis. Destacamos, além de uma definição comum de proferir sentidos através dos meios de comunicação, a possibilidade de discutirmos a intensificação do uso da tecnologia para aceleração das trocas comunicacionais e o fortalecimento de lógicas do campo midiático sobre os demais. As duas acepções permitem abordagem epistemológica sobre a criação de circuitos de comunicação experimentais pela sociedade; fora do controle dos atores midiáticos. É dizer, fãs e torcedores são assim capazes de criar um parajornalismo como arranjo inovador a partir das plataformas digitais.

Sodré (2010) questionou a insistência em modelos industriais para o jornalismo. Enrijecidos sob a ideia de objetividade, as práticas que seguem os padrões dos meios de comunicação de massa perderam a fidelidade dos leitores. A crença de que não se precisa pagar por conteúdo está posta nessa obsolescência. O autor coloca (p. 12): "*É neste ambiente que se concebe como expressamente necessárias a pesquisa e a experimentação em direção a um jornalismo relacional, interativo com a realidade atual e em benefício da agregação de valor humano à ordem social*".

Contudo, o próprio Sodré é reticente com a produção de sentido pelos públicos. À época, reconhecia a prevalência de narrativas autocentradas nas criações dos usuários. As criações dos fãs aprimoraram-se nos anos seguintes, constituindo processos verdadeiramente de aprendizado social através da internet (Jenkins *et al*., 2013). Talvez ainda longe de desafiar o culto à velocidade e as práticas transmissionais, sustento a possibilidade desse parajornalismo alimentar alternativas a um jornalismo industrial e enfraquecido. Em tempos de IA, a criação de narrativas tem aberto condições a um jornalismo mais próximo aos públicos (Viana, 2023). Por caminho diverso, a observância de seu próprio 'jornalismo' pode apresentar-se nessa perspectiva relacional.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

4. Em busca de um programa de pesquisa empírica

A tentativa deste trabalho é explorar um panorama do parajornalismo. Trata-se de esforço inicial na construção de um referencial empírico sobre os jornalismos do público. A mirada apresentada aqui é, portanto, assistemática, provisória e tem o intuito de apropriar-se do campo das criações derivadas nas plataformas digitais. Dada a natureza inconsistente de buscas no Instagram, em que o recurso de pesquisa normalmente empregado nos métodos digitais apresenta-se com limitações e as APIs foram descontinuadas (Rogers, 2018), este levantamento inicial baseou-se na experiência de navegação individual do autor, alternando palavras-chave e selecionando, por conveniência, exemplos emergentes. Esse critério foi necessário pois há uma variedade de conteúdos em relação a torcedores e fãs que concentram-se em repostar conteúdo ou tecer opiniões sobre os seus objetos. Entendo a relevância dessas manifestações, contudo elas apresentam menor contribuição para as discussões postas aqui sobre jornalismo. O levantamento foi conduzido em julho de 2026. As postagens observadas compreendem a primeira semana do mesmo mês.

O primeiro perfil, @bangtannow7, trabalha como um veículo especializado de consumo rápido. Esse jornalismo amador apresenta-se acompanhado de competências visuais na tentativa de construção de sentido sobre os acontecimentos. A forma notícia na conta mantida por fãs assume o fluxo da plataforma na apresentação da cobertura. Profusão de imagens e vídeos ao lado de legendas curtas. Através da criação de sequência de imagens, a conta tenta cobrir os eventos em torno das bandas sul-coreanas. Outras postagens, mais comuns, apenas reiteram novos stories de artistas nas plataformas digitais. Os diferentes conteúdos são assinalados por termos como “vídeo” e “atualização no insta”. Compõe o texto de apoio o imperativo de atribuição de autoria: “Quando compartilhar, não esqueça de dar os créditos!”.



Figura 1 - Exemplo de publicação de @bangtannow7. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DaYMr7Hls7E>.

No momento dessa observação, as publicações possuíam poucas interações, na ordem de uma dezena de curtidas cada. A conta de bangtannow7 foi criada em 2024. Na apresentação dos colaboradores, em formato de stories, sete pessoas são identificadas. Em nenhuma delas há indicação de formação em jornalismo. Na sistematização sobre a primeira semana de julho foram coletadas 17 postagens, envolvendo, livremente, diferentes 'editorias', como fotos, vídeos, declarações dos artistas e 2 postagens com aproximações do gênero notícia, uma delas exemplificada na Figura 1.

Outro caso desperta nosso interesse. Dotado de abordagem distinta, o perfil @rmadrid.br oferece uma proposta de concentrar notícias sobre o clube espanhol. À diferença de outras páginas de torcedores, este perfil raramente publica conteúdo humorístico. Suas postagens costumam remeter a materiais disponibilizados por outras

fontes especializadas. Sua natureza, portanto, parece mais uma espécie de *clipping* sobre o clube. A Figura 2 remete ao formato preponderante. Uma imagem destacando o título e na legenda algumas informações extras. A conta @rmadrid.br obtém até dezenas de comentários em suas postagens, fazendo o papel de reunir torcedores num meio com atualizações periódicas em português. No intervalo observado ocorreram 7 postagens. A Figura 2 ilustra a busca de um sentido aproximado ao jornalismo, mas remetendo a publicações de outras fontes.

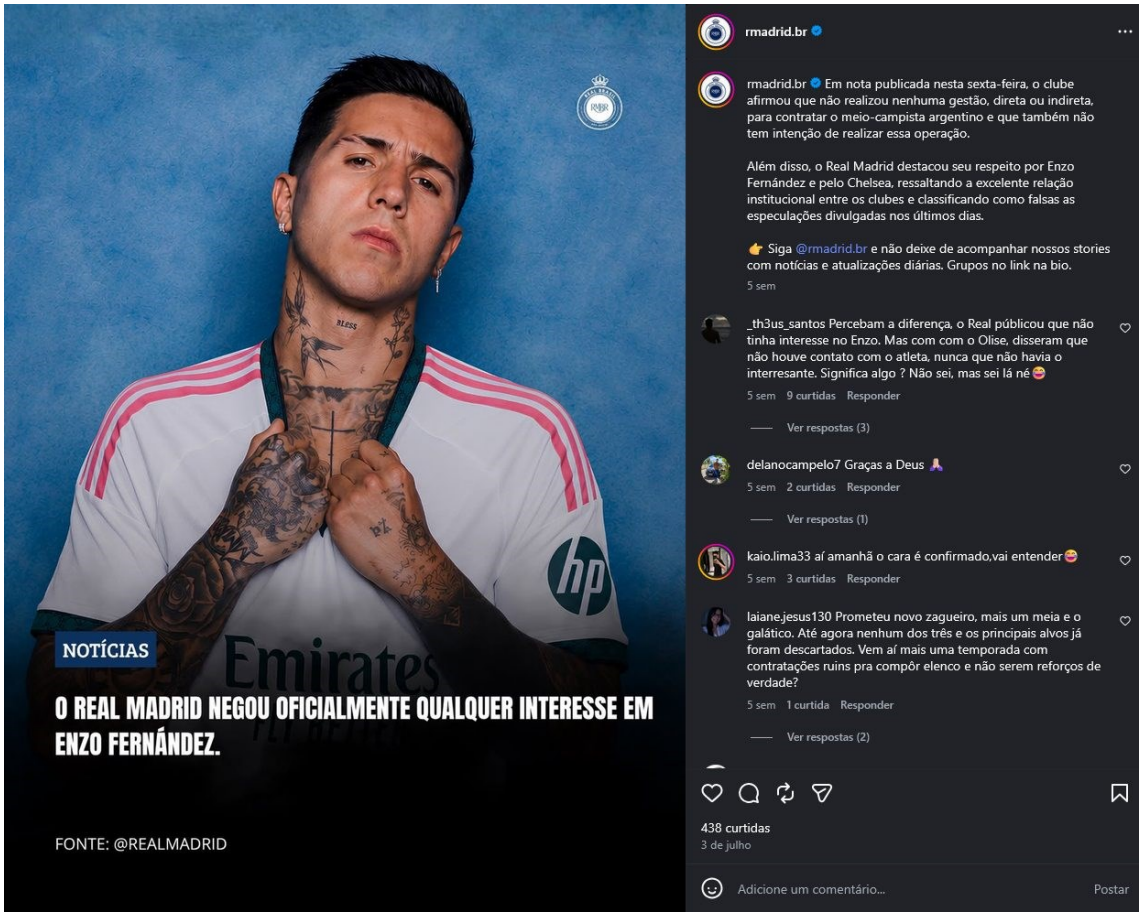


Figura 2 - Publicação de @rmadrid.br. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DaU8_L1RsXz//>.

As iniciativas amadoras materializam interesses a partir do culto ao esporte ou à música. Não é claro se os trabalhos desenvolvidos obtêm alguma compensação

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

financeira. No entanto, constituem um quadro de inserção dos amadores num circuito parajornalístico.

5. Considerações

Mesmo em estágio inicial na pesquisa, elaboro alguns apontamentos. Eles compreendem aspectos criativos, sobre essa epistemologia dos públicos, e metodológicos.

A constatação sobre a crise do jornalismo demanda uma resposta da área. O estabelecimento da profissão segundo critérios de objetividade demonstra esgotamento e dificuldade de captar o interesse dos leitores. O problema, devo ressaltar, não possui única causa e também está ligado à mudança nos regimes de atenção. Contudo, iniciativas oriundas do público possuem a capacidade de apontar caminhos ao jornalismo. Mesmo que consistam em segmentos específicos de conteúdo, esportes e cultura, a ligação com os públicos pode ser fortalecida com o reconhecimento de suas práticas amadoras. No momento, os indícios apontados sugerem dependência das gramáticas dos meios — a visualidade do Instagram — e uma ligação direta com circuitos 'oficiais' dos núcleos de interesse. Isto é, fãs e torcedores repercutem postagens do próprio Instagram e X dos seus objetos. Sugerem, portanto, uma dependência de suas fontes primárias, com limitada intervenção editorial. Afinal, talvez Sodré (2010) tenha razão a respeito da auto-referência. Ainda, os critérios de seleção, o 'valor-notícia' merece devida atenção, necessitando ser tema de entrevistas com os administradores das contas.

Adicionalmente, o esforço sobre como se apropriar desses materiais dispersos permanece um problema a ser tratado. Em verdade, trata-se de dois grupos de afinidade com práticas similares, o que denomino provisoriamente de parajornalismo, mas com baixa interação mútua. Há pouca associação entre fãs e torcedores, mesmo em pesquisas acadêmicas. A construção do objeto empírico envolve monitoramento e estratégias mais artesanais de pesquisa sobre as contas e as publicações, contornando os obstáculos de pesquisa nas plataformas.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Por fim, sugiro contribuições ao jornalismo, no entanto as contas e a rede apresentada constituem o oligopólio da Big Techs. A dataficação e a algoritmização não fornecem retribuições ao jornalismo compatíveis com a importância dessa prática social. Portanto, os indicativos até o momento apresentam-se mais como gatilho para debate do que uma sugestão para incorporarmos critérios semelhantes aos fãs e torcedores, incluindo usar as mesmas plataformas que frequentam. No limite, ainda estamos no escopo de grupos de interesse, nichos.

Agradecimento: o autor agradece à contribuição do parecerista durante a etapa de avaliação do trabalho.

Referências

BRAGA, José Luiz. Instituições & Midiatização-um olhar comunicacional. En: Ferreira, J., Rosa, AP, Fausto Neto, A., Braga, J. L, & Gomes, PG (Eds.). Entre o que se diz e o que se pensa - onde está a midiatização, p. 291-311, 2018.

COSTA, Sarah Moralejo da. Fanworks de fanworks: a rede de produção dos fãs. Tese (Doutorado) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

FLICHY, Patrice. Le Sacre de l'amateur. Sociologie des passions ordinaires à l'ère numérique: Sociologie des passions ordinaires à l'ère numérique. Editions du Seuil, 2014.

JENKINS, Henry. Textual poachers: Television fans and participatory culture. Routledge, 2012.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. Spreadable media: Creating value and meaning in a networked culture. In: Spreadable media. New York University Press, 2013.

LOPES, Felipe. Comunicação, futebol e política: uma análise do ativismo de coletivos de torcedores antifascistas no Facebook. Revista Brasileira De Educação Física E Esporte, 40, 2026.

QUADROS, Claudia Irene. A participação do público no webjornalismo. In: E-Compós. 2005.

RONCHETE, Nathalia. Ciberativismo das torcidas antifascistas nas eleições de 2018: uma análise quantitativa. FuLiA/UFMG , Belo Horizonte/MG, Brasil, v. 6, n. 1, p. 6–27, 2021.

SODRÉ, Muniz. Jornalismo como campo de pesquisa. Brazilian journalism research, v. 6, n. 2, p. 7-16, 2010.

SODRÉ, Muniz. A ruptura paradigmática da comunicação. MATRIZes, v. 17, n. 3, 2023.

TRAQUINA, Nelson; MESQUITA, Mário (orgs). Jornalismo cívico. Livros Horizonte: Lisboa, 2003.

VIANA, Luana. Jornalismo narrativo em podcast: imersividade, dramaturgia e narrativa autoral. Digitaliza Conteúdo, 2023.

VIMIEIRO, Ana Carolina. Torcedores como Produtores: Por uma Abordagem Comunicacional das Culturas Torcedoras. Recorde: Revista de História do Esporte, v. 16, n. 1, p. 1, 2023.

WAHL-JORGENSEN, Karin. Resisting epistemologies of user-generated content?: Cooptation, segregation and the boundaries of journalism. In: Boundaries of journalism. Routledge, p. 169-185, 2015.

WATSON, Ash. Fanzines: A review. DIY, Alternative Cultures & Society, p. 1-16, 2025.